

— Olha o aviãozinho!

A primeira mentira. Ela querendo nos convencer de que o que tinha na mão não era uma colher com papinha, mas um avião. Um avião! Se um dia fosse acusada de tentar ludibriar um bebê de colo, ela teria uma defesa. “Era para ele abrir a boca, seu juiz. Era para o bem dele!” Está certo, era para nos alimentar. Era para nos fazer abrir a boca e aceitar a papinha. Mas precisava ser com uma mentira tão grosseira?

A sorte dela era que ainda não sabíamos falar. Não podíamos perguntar o que a fazia pensar que nós sequer soubéssemos o que era um avião. Ou que seríamos mais receptivos a ter um aviãozinho na boca do que uma colher de papinha. Ou, se aquilo era mesmo o que ela dizia que era, o que um aviãozinho carregado de papinha estava fazendo, voando dentro de casa daquele jeito? Se nós ao menos tivéssemos uma ideia do que era surrealismo, aceitaríamos o avião em forma de colher vindo na nossa direção e abriríamos a boca em respeito à arte. Mas não, não era arte, não era um recurso ou um estratagema para um fim nobre. Era apenas uma mentira. A inaugural.

Sim, porque, de certa maneira, todas as outras mentiras que elas nos contam são desdobramentos daquela mentira arquetípica, da nossa própria mãe. Todas tentam nos convencer de que o que parece ser não é, e o que é não é o que parece. Em suma, que uma colher é um aviãozinho. E isto vale para tudo, das pestanas postiças ao orgasmo simulado. Você já deve ter notado que nenhuma revista feminina tem homem na capa. É sempre uma mulher, e uma mulher bonita. Isto já foi visto como prova de que o negócio de mulher é mulher mesmo, que elas se vestem e se enfeitam umas para as outras, num universo em que o homem só entra como acessório, em matérias do tipo “Como atingir o prazer sexual com utensílios domésticos, inclusive o seu marido”. Mas não é isso. As revistas femininas pertencem a um imenso sistema de comunicação cifrada, só acessível a mulheres, em que elas trocam informações sobre novos produtos e recursos para se embelezarem, enfatizarem o que têm e compensarem o que não têm. Em suma, para nos enganarem.

E funciona. Não temos defesa contra o sortilégio delas, mesmo sabendo que é tudo fabricado para nos enganar, porque, no fundo (confesse), gostamos. Não saberíamos viver sem suas mentiras perfumadas. Afinal, que diferença fazia se aquilo era uma colher de papinha ou um aviãozinho? Elas conseguiam nos deixar de boca aberta. Que é o que vêm fazendo desde então.

# Igualzinha, igualzinha

Margô voltou de Paris com uma bolsa Vuitton. Contou para as amigas o que passara para comprar sua bolsa Vuitton. Entrara numa fila enorme em frente à loja Vuitton da Champs-Élysées. No frio! Chegara a brigar com uma japonesa (“Ou chinesa, sei lá”) que tentara cortar a sua frente na entrada da loja. Lá dentro, custara a ser atendida. Uma multidão. Mas finalmente conseguira.

— E aqui está ela — disse Margô, mostrando a bolsa Vuitton como um troféu.

Foi quando aconteceu uma coisa que a Margô jamais esperaria. A Belinha mostrou a sua bolsa e disse:

— Igual à minha.

\* \* \*

Houve um silêncio constrangido. Depois que se recuperou da surpresa, Margô sorriu e perguntou:

— Você também esteve em Paris, querida?

— Estive.

— Que inferno, a fila da Vuitton, né?

— Eu não comprei a bolsa na loja da Vuitton.

— Ah, não? Não foi na Champs-Élysées?

— Foi, mas na outra calçada.

— Como?

— Estavam vendendo na rua. Por €19.

O sorriso da Margô desapareceu. Sua bolsa Vuitton custara exatamente €1900, na loja.

— Ah. Imitação — disse.

— Mas é igualzinha.

— Igualzinha, igualzinha, não — corrigiu Margô. — A minha é legítima. A sua é falsa.

Belinha então propôs que todos examinassem as duas bolsas, para descobrir se havia alguma diferença. Não encontraram nenhuma.

\* \* \*

À noite, na cama com seu marido Oscar, Margô ainda estava furiosa.

— Cachorra!

— O quê, bem?

— A Belinha. Não precisava ter esfregado a bolsa de €19 na minha cara.

— Mas ela foi honesta. Poderia dizer que comprara a bolsa na loja, igual a você. Poderia ter mentido.

— Você não vê? Ela me chamou de otária. De nova-rica deslumbrada. De, de...

— Calma. Sabe que essa é uma questão filosófica? — disse Oscar.

— Uma imitação perfeita só deixa de ter o mesmo valor do original

quando é descoberta. Dizem que várias obras atribuídas ao Rembrandt não são dele, são de um falsificador. Mas continuam nos museus, encantando todo o mundo. Por que estragar o prazer de ver ou ter um Rembrandt, por um detalhe?

— Oscar, você não está me ajudando.

\* \* \*

Hoje, quando alguém comenta a bolsa da Margô e pergunta se é Vuitton, ela responde.

— Parece, não é? Mas comprei numa calçada da Champs-Élysées. Por €19!



# Ciúmes

Lilian desconfiou de que Artur iria deixá-la. De que seu amor por ela estava acabando. O Artur nem a chamava mais de Lili! Lilian decidiu que a solução era provocar ciúmes em Artur. Como? Comprou um buquê de flores, escreveu num cartãozinho “Lilian: me diga quando...”, assinou — depois de pensar muito num bom nome para amante — “Renê” e mandou entregarem o buquê com o cartãozinho no seu próprio endereço. Deu certo. Foi o Artur quem recebeu as flores na porta. Disse:

— Flores para você.

Lilian, fingindo surpresa:

— Flores? Para mim?

— E um cartãozinho.

— Um cartãozinho?

— Posso abrir?

— Não! Deixa que eu...

Mas Artur já estava lendo o cartãozinho.

— Muito bem. Quem é Renê?

— Renê?

— “Lilian, me diga quando...”. Assinado, Renê.

— Eu não tenho a menor...

— “Diga quando” o quê? Hein? Hein? E quem é esse Renê?

— Eu...

O tapa foi tão forte que Lilian caiu de costas no sofá. Quando se ergueu, estava sorrindo. O Artur sentia ciúmes. O Artur ainda a amava, afinal. O Artur ainda a amava! Paft. Novo tapa.

Do sofá, eufórica, Lilian gritou:

— É uma brincadeira! Fui eu que mandei as flores. Fui eu que escrevi o...

Não pôde terminar porque o Artur começou a sufocá-la com uma almofada do sofá.

\* \* \*

É preciso explicar que Lilian não só vivia com Artur há apenas seis meses, tempo insuficiente para se conhecer uma pessoa, como não entendia a raça dos homens. Homem não tem ciúmes porque ama. Ciúmes não é uma questão entre o homem e a pessoa que ama. Ou é, mas a pessoa que ele ama é ele mesmo. Ciúmes é sempre entre o homem e ele mesmo.

— Quem é esse Renê? Hein? Hein?

Súbito, o Artur parou de sufocá-la com a almofada. Levantou-se. Tinha se dado conta de uma coisa.

Disse:

— Eu sei quem é esse Renê. Eu conheço esse Renê!

A Lilian ainda tentou chamá-lo de volta.

— Não existe nenhum Renê! Fui eu que inventei!

Mas o Artur já tinha saído de casa, depois de passar no quarto e pegar o revólver da gaveta da mesinha de cabeceira.

\* \* \*

Lilian passou o resto do dia rondando pela casa, nervosíssima. Quando ouviu o ruído da chave na fechadura, correu para a porta. O Artur entrou sem olhar para ela.

— Onde você estava? O que aconteceu?

Artur não respondeu. Foi para o quarto trocar de roupa. Lilian foi atrás. Havia respingo de sangue na camisa do Artur. O tiro fora de perto. Ele não trouxera o revólver de volta. Provavelmente, o jogara em algum matagal. Lilian:

— O Renê do cartãozinho...

Artur tapou a sua boca com a mão.

Disse:

— Não se fala mais nesse nome nesta casa. Nunca mais. Está ouvindo?

E depois:

— Esse aprendeu a não se meter com a mulher dos outros.

\* \* \*

Naquela noite, nenhum dos dois dormiu. Lilian pensando: “Renê, Renê... Quem é que eu conheço com esse nome? Quem é esse Renê, meu Deus? Ou quem era”. De madrugada, amaram-se loucamente.

O Artur dizendo:

— Viu o que eu faço por você? Viu?

Era a primeira vez que se amavam assim em pelo menos três meses. Ele até a chamou outra vez de Lili.

\* \* \*